73 Internationale Filmfestspiele Berlin
Perspektive Deutsches Kino
Opening Film

SETE INVERNOS EM TEERÃO

UMA HISTÓRIA VERDADEIRA SOBRE CORAGEM, SILÊNCIO E RESISTÊNCIA.

ESCRITO E REALIZADO POR
STEFFI NIEDERZOLL

VOZ DE REYHANEH JABBARI
ZAR AMIR EBRAHIMI

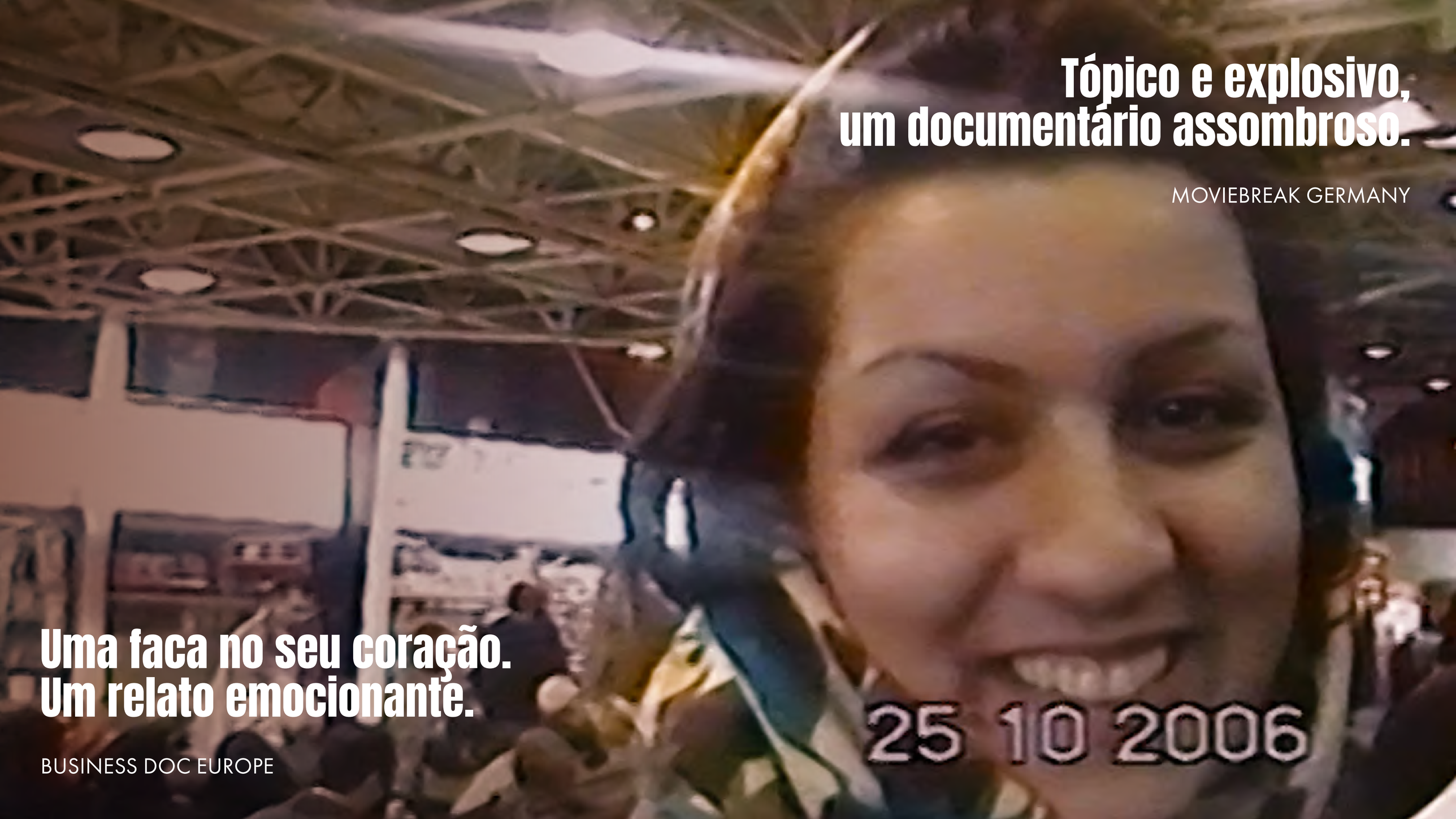
NAS SALAS DE CINEMA
13 NOVEMBRO

Teerão, 7 de julho de 2007: Reyhaneh Jabbari, 19 anos, tem uma reunião de negócios com um novo cliente. Para ela, este é apenas mais um dia comum, porém a sua vida mudará para sempre quando o novo cliente a tenta violar. Ela esfaqueia-o em legítima defesa e foge do local. Mais tarde, no mesmo dia, é presa e imediatamente acusada de assassinato. Apesar de muitas evidências apontarem para legítima defesa, em tribunal, Reyhaneh não tem qualquer hipótese de defesa. O seu agressor era um homem influente e poderoso e mesmo após a sua morte, continua a ser protegido por uma sociedade patriarcal e Reyhaneh é condenada à morte.

O que mais perturba neste filme, é precisamente a absurda incongruência do sistema jurídico que descreve.

WLE POLYESTER

Graças a vídeos pessoais, secretamente gravados e fornecidos pela família de Reyhaneh, juntamente com depoimentos seus, as cartas escritas na prisão e outros arquivos, o filme retrata a sua detenção, o seu julgamento e o destino desta mulher que se tornou num símbolo de resistência no país. A sua luta pelos direitos das mulheres ecoa a luta de tantas outras e "Sete Invernos em Terrão" lança uma luz sobre como são as mulheres verdadeiramente tratadas no Irão.



Tópico e explosivo, um documentário assombroso.

MOVIEBREAK GERMANY

Uma faca no seu coração. Um relato emocionante.

BUSINESS DOC EUROPE

FICHA TÉCNICA

SIEBEN WINTER IN TEHERAN
Steffi Niederzoll, Doc, Alemanha, França, 2023, 96 min.

REALIZAÇÃO E ARGUMENTO Steffi Niederzoll
ELENCO Reyhaneh Jabbari, Shole Pakravan,Fereydoon Jabbari, Shahrzad Jabbari, Sharare Jabbari, Parvaneh Hajilou, Mohammad Mostafaei, Samira Mokarrami
NARRAÇÃO Reyhaneh Jabbari e Zar Amir Ebrahimi
PRODUTORES Melanie Andernach e Knut Losen
CO-PRODUTORES Laurent Lavolé, Milena Poylo e Gilles Sacuto
PRODUTORES ASSOCIADOS Eva Laass, Céline Loiseau e Sina Ataeian Dena
EDIÇÃO Nicole Kortlüke
DRAMATURGIA Sina Ataeian Dena
DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA Julia Daschner, BVK
BANDA_SONORA Flemming Nordkrog
SOM César Fernández Borrás
DESIGN DE SOM Andreas Hildebrandt
RE-RECORDING MIXER Jocelyn Robert
MODEL SUPERVISOR Gali Blay
COMMISSIONING EDITOR Jutta Krug, WDR

VENDAS MUNDIAIS_CERCAMON
PRODUÇÃO MADE IN GERMANY, Gloria Films Production, TS Productions e WDR
FINANCIAMENTO Film- und Medienstiftung NRW
COM O APOIO DA Tarabya Cultural Academy
APOIO BKM, FFA-Mini Traité, Eurimages, Film- und Medienstiftung NRW, CNC, Région Ile de France em parceria com CNC
COLABORAÇÃO Zebra Kroop Iran

SELEÇÕES OFICIAIS

Berlinale - Perspektive Deutsche Kino, Alemanha, 2023
FIFDH, Suíça, 2023
CPH:DOX, Dinamarca, 2023
HRW FF, Reino Unido, 2023
Movies That Matter, Países Baixos, 2023
Festival Internacional de Cinema de Istambul, Turquia, 2023
Red Lotus, Áustria, 2023
HotDocs, Canadá, 2023
Subversive Festival, Croácia 2023
Film Podium pour Human Right Festival, Suíça, 2023
Amnesty Autriche, Áustria, 2023
Millenium Docs Against Gravity, Polónia, 2023
CrossRoads, Áustria, 2023
Bildrausch Filmfest Basel, Suíça, 2023
HRW NY, EUA, 2023
FICDH, Argentina, 2023
Singapore Film Society, Singapura, 2023
Docudays UA, Ucrânia, 2023
BioGraFilm, Itália, 2023
Doc House, Reino Unido, 2023
Encounters South Africa, África do Sul, 2023
Bradford Literature Festival, Reino Unido, 2023
Tofifest International Film Festival, Polónia, 2023
Festival Internacional de Cinema da Nova Zelândia, Nova Zelândia, 2023
Dokufest International Documentary and Short Film Festival, Kosovo, 2023
Hallo Tod, Suíça, 2023
Macao International Documentary Film Festival, Macau, 2023
NNW Film Festival, Polónia, 2023
Haifa International Film Festival, Israel, 2023
Adelaide Film Festival, Austrália, 2023
One World Slovakia, Eslováquia, 2023
Cork International Film Festival, Irlanda, 2023
DokumentarKino, Noruega, 2023

PRÉMIOS E MENÇÕES

Compass-Perspektive-Award 2023 - Perspektive Deutsches Kino, Berlinale

O mundo inteiro precisa
de ficar a conhecer esta história.
ZAR AMIR EBRAHIMI, DEADLINE
Frankreich
Um documentário
poderoso e penetrante.
FILM COMPANION

Steffi Niederzoll

Nasceu em Nuremberga, em 1981. Entre 2001 e 2007, estudou artes audiovisuais na Academy of Media Arts em Colónia, na Alemanha, e na Escola de Cinema e Televisão de Cuba. Participou em várias *masterclasses* de realização e foi bolseira da Academia Cultural Tarabya, na Turquia. As suas curtas-metragens foram exibidas em inúmeros festivais de cinema nacionais e internacionais, nomeadamente na Berlinale. "Sete Invernos em Teerão" é a sua primeira longa-metragem documental e a sua estreia como realizadora.
Além do seu trabalho no cinema, Niederzoll dedica-se também a outros trabalhos artísticos interdisciplinares. Fez parte do coletivo "1000 Gestalten" que causou sensação mundial com a sua performance durante a cimeira do G20 em Hamburgo. As suas obras coletivas foram apresentadas no Festival Brecht, na Kunsthalle Baden-Baden e no Museu de Arte Contemporânea em Roskilde e Vejle, na Dinamarca, entre outros. Juntamente com Shole Pakravan, escreveu o livro "Como se Tornar uma Borboleta", que em 2023 será publicado pela Berlin Verlag.

FILMOGRAFIA
2023: "In Between (Wt)" (longa-metragem)
2023: "Sete Invernos em Teerão" (longa-metragem)
2008: "Lea" (curta-metragem)
2006: " One long summer" (curta-metragem)
2005: "Como si el paisage pasara" (curta-metragem)
2004: "Petuhtantes" (curta-metragem documental)

Um documentário emocionante sobre a negação da justiça um grito de alerta oportuno.

ABUS DE CINÉ

Um importante filme investigativo, tão íntimo quanto político.

TROIS COULEURS

ENTREVISTA COM A REALIZADORA STEFFI NIEDERZOLL

POR TERESA VENA

Presumivelmente, ouviste falar do caso de Reyhaneh Jabbari através dos meios de comunicação. Isso foi em 2014. Como começou o trabalho no filme? Já tinhas alguma ligação com o Irão?

Sim, li sobre a Reyhaneh no jornal. A cobertura do caso foi particularmente intensa na Alemanha, porque um tio de Reyhaneh vivia aqui. Mesmo assim, na altura foi apenas uma entre muitas notícias dolorosas que me passavam pelo radar.

Depois, em 2016, através do meu parceiro iraniano da altura, conheci em Istambul o primo de Shole (a mãe de Reyhaneh) e a mulher dele — tinham fugido do Irão e estavam retidos na Turquia. Tinham saído do país para resgatar material em vídeo relacionado com o caso de Reyhaneh Jabbari, filmado de forma clandestina. Um vídeo em particular tocou-me profundamente: mostrava Shole sentada num carro em frente à prisão, à espera de saber se a filha seria perdoada ou executada. Esse momento, cheio de esperança e exaustão, ficou gravado na minha memória.

Durante vários meses, viajei repetidamente à Turquia; tornámo-nos amigos e eles pediram-me que fizesse um filme com esse material.

O que te motivou a fazer este filme?

Tinha plena consciência da grande responsabilidade. Até então via-me sobretudo como realizadora de ficção — estava a trabalhar num argumento para a minha primeira longa-metragem de ficção, mas encontrava-me num momento de estagnação. Por isso, quis evitar fazer promessas vazias: ofereci-me para levar o material para a Alemanha, traduzi-lo e refletir primeiro sobre como poderia transformá-lo num documentário. Enquanto copiava os vídeos, olhei pela janela e vi uma mulher com um lenço azul a observar o mar. Pouco depois, ela estava à minha frente — era Shole, a mãe de Reyhaneh, que acabara de chegar à Turquia com a filha mais nova. O primeiro momento foi confrangedor. Sentia-me muito próxima dela, depois de a ter visto nas imagens mais íntimas e dolorosas. Para ela, eu era uma desconhecida.

Ao fim de algum tempo, disse-lhe exatamente isso. Ela olhou-me, mediu-me, depois sorriu e abraçou-me. Começou a contar histórias, bebemos chá, olhámos fotografias de infância da Reyhaneh. Nesse instante soube que tinha de fazer este filme.

A mãe e as irmãs de Reyhaneh vivem agora na Alemanha. Fizeste as entrevistas lá?

Sim, entrevistei as três mulheres da família aqui na Alemanha. Shole continuou ativa no Irão depois da morte da filha — criou o grupo "Madaraneh" ("Maternidade") com outras mães que se opunham à pena de morte. Era interrogada regularmente por causa disso.

Depois de, numa dessas sessões, os interrogadores terem ameaçado as filhas e uma das suas companheiras de luta ter sido presa, Shole fugiu para a Turquia com a filha mais nova, Shahrzad. Para disfarçar a fuga, a família decidiu que o pai, Fereydoon, e a filha do meio, Sharare, ficariam no Irão para tentar juntar-se mais tarde. Sharare tentou, sem sucesso inicial — confiscaram-lhe o passaporte. Só em 2021 conseguiu emigrar para a Alemanha. Fereydoon continua sem passaporte e é o único membro da família ainda no Irão.

Em que consistia exatamente o material que recebeste?

As gravações de vídeo e áudio feitas durante o tempo em que Reyhaneh esteve presa foram feitas sobretudo por membros da família, para preservar provas. Muitas foram captadas por telemóvel. Apesar da baixa qualidade técnica e da instabilidade das imagens, percebi logo que tinham de ser o núcleo do filme. São poderosas — dão-nos acesso a lugares normalmente interditos, como uma prisão iraniana, e permitem-nos viver momentos inacreditáveis, como quando Reyhaneh liga à mãe para dizer que a estão a levar para a execução.

Como obtiveste as imagens da família, de antes e durante o caso?

Shole trouxe grande parte consigo quando fugiu — cassetes VHS e MiniDV —, outras foram contrabandeadas do Irão para a Alemanha. Digitalizámos fotografias, procurámos em inúmeros discos externos. As gravações feitas por Shahrzad com o telemóvel foram particularmente importantes: mostram como a família tentava viver apesar do perigo constante. Estou-lhe muito grata — teve de confiar muito em mim para me entregar momentos tão íntimos.

De onde vêm as imagens exteriores de Teerão?

Desde o início sabíamos que não poderíamos filmar nada no Irão. Com a ajuda da produtora iraniana Zebra Kroop, conseguimos aceder a um extraordinário arquivo visual de Teerão, filmado exatamente no período em que Reyhaneh esteve presa.
Ainda assim, faltavam-nos imagens específicas — as prisões, a casa da família, o apartamento onde ocorreu a agressão. Conseguir filmar esses locais seria extremamente perigoso. Mesmo assim, houve pessoas que assumiram esse risco porque queriam que o filme fosse feito e que a história de Reyhaneh não fosse esquecida.

As pessoas que filmaram essas imagens estão entre as que aparecem creditadas anonimamente? Que riscos enfrentam?

Sim. Muitas pessoas optaram por não ser nomeadas — não apenas quem filmou, mas também outros membros da equipa. Qualquer iraniano envolvido arriscava-se a represálias, a ser impedido de entrar no país ou a pôr familiares em perigo.
No pior cenário, poderiam ser acusados de "corrupção na Terra" (ifsad fil-arz), crime que pode levar à pena de morte, por o filme se opor implicitamente à pena capital — considerada, no Irão, uma lei divina. Ainda assim, quis incluir nos créditos todos os que participaram, mesmo anonimamente. Era importante deixar um rasto.

Que medidas de segurança tomaste para te proteger e à tua equipa?

A minha principal preocupação foi sempre proteger os outros, não a mim. Mantive o projeto em segredo, usei canais encriptados, senhas e dados falsos sobre o conteúdo. Um erro revelou acidentalmente a natureza real do filme num email coletivo. Apesar dos esforços da minha produtora, Melanie Andernach, para eliminar o rasto online, os meus amigos iranianos avisaram-me para não viajar ao Irão — era demasiado perigoso.
Foi difícil aceitar, porque queria conhecer o país que tanto me marcara e onde viviam muitos amigos. Mas Shole disse-me: "Para quê ires ao Irão? Nós estamos todos aqui, não estamos?" E tinha razão.
Espero sinceramente que a família de Reyhaneh não sofra ameaças com o lançamento do filme — mas é realista esperar, pelo menos, intimidação verbal. Ainda assim, decidiram não se calar.

Como contactaste o pai de Reyhaneh, que ainda vive no Irão?

A família mantinha contacto com ele por video-

chamada, o que me permitiu também falar com ele ocasionalmente. Quando começámos as filmagens, queria que a equipa iraniana o entrevistasse, mas seria demasiado arriscado. Fizemos a entrevista online. Disse-me que o fazia pela filha e por todas as mulheres na mesma situação.

Nos créditos, mencionas que tentaste contactar a família do homem assassinado, sem sucesso. Também procuraste representantes das autoridades, como o juiz?

Tentámos contactar a família da vítima já na fase final do processo. Eu e Shole telefonámos juntos a Jalal Sarbandi, mas a chamada caiu rapidamente. Voltámos a tentar várias vezes, sem resposta. Não contactámos juízes nem outros responsáveis — seria inútil e perigoso. O meu objetivo não era reconstituir o caso em detalhe, mas mostrar o impacto que a pena de morte teve na família.

O filme ganhou nova urgência com a situação política atual no Irão. Que papel pode ter um filme neste contexto?

Neste momento, lemos nos jornais que 26 manifestantes foram condenados à morte — quatro já executados. Espero que, através do filme, deixemos de ver apenas números e consigamos perceber as vidas por detrás deles: há sempre uma mãe como Shole, um pai como Fereydoon, irmãs como Sharare e Shahrzad. Que o público sinta o sofrimento, a violência e também a esperança que existem em cada uma dessas histórias. E que isso nos leve a exigir mais — de nós próprios e dos nossos governos.

Uma brilhante exibição de realização. Cada elemento une-se para criar uma experiência de visualização verdadeiramente impactante e imperdível.

LOUD AND CLEAR

Retrata a situação complexa e trágica do sistema de justiça no Irão, com subtis e calculadas referências.

INDEPENDENT PERSIAN

ENTREVISTA COM SHOLE PAKRAVAN MÃE DE REYHANEH JABBARI

POR TERESA VENA

Depois de tudo o que viveu, deve ser difícil confiar nos outros. Como soube que podia confiar a sua história à realizadora?

No passado, conheci várias pessoas que queriam fazer um filme sobre a nossa história. Aceitei sempre, mas ao fim de algumas semanas ou meses percebia sinais de que não podia confiar nelas. E terminava o projeto. Quando conheci a Steffi, pensei que seria igual. O meu primo pôs-nos em contacto, e eu confiava nele, mas mantive as reservas. Depois de a conhecer, percebi que ela era diferente. Soube que era a pessoa certa. Encontrámo-nos várias vezes, e em cada uma eu entregava-lhe algo com que pudesse trabalhar. Esperava para ver o que ela fazia com isso. Foi sempre muito transparente, muito clara. Agora confio nela tanto como nas minhas próprias filhas.

Como se sente ao ver o filme?

Ainda não vi a versão final. Quero vê-la no cinema. Trabalhar no filme, rever os vídeos que gravámos com os nossos telemóveis e ouvir a voz da Reyhaneh foi muito difícil. Causou-me grande angústia emocional. A minha terapeuta recomendou-me que não o visse de novo a menos que estivesse muito equilibrada, por isso decidi esperar pela estreia oficial. Mas, no geral, estou feliz que o filme tenha sido feito. Sinto que finalmente cumpro um dos últimos desejos da Reyhaneh. Ela dizia que queria "ir com o vento", como se fosse uma borboleta — que eu a deixasse ir, que encontrasse paz. O filme e o livro que escrevi com a Steffi podem ser essas asas para ela. Ela vai voar agora.

Qual foi o momento mais difícil durante o trabalho no filme?

Confrontar-me com o material, ver as imagens. Durante os sete anos em que a Reyhaneh esteve presa, revia todas as noites cada frase e cada artigo sobre ela. Depois, quando comecei terapia na Alemanha e o tempo passou, comecei a esquecer alguns detalhes — e só percebi isso ao rever o material para o filme. Foi doloroso. Esquecer pormenores parecia significar que podia acabar por esquecer a minha filha. Isso fez-me sentir culpada. Foi muito duro.

O que pensa do que está a acontecer atualmente no Irão?

Sinto enorme tristeza pelas famílias que estão a passar pelo que eu passei. Saber que há pessoas que foram levadas para prisões à espera de execução, sem sabermos o que lhes vai acontecer, tira-me o sono. No Irão, conheci mais de cem famílias na mesma situação. Agora há ainda mais. Com algumas continuo em contacto.

Espera que o filme tenha impacto político?

É um filme sobre direitos humanos, e espero que possa provocar alguma mudança. A maioria das pessoas no Ocidente não compreende o que realmente significa a execução de uma pena de morte — o que faz às famílias envolvidas. Seria importante que, com mais compreensão, houvesse também mais pressão sobre o governo iraniano. Cada corda que se consiga evitar é uma vitória.

Como está a situação do seu marido neste momento?

Continua sem passaporte e está sozinho. Já não há outros membros da família no Irão. Com o lançamento do filme e do livro, é possível que volte a ser alvo de pressão.

CONTACTOS

LOU LOUÇÃO / DISTRIBUIÇÃO
962 199 571
distribuicao@zeroemcomportamento.org

ZEROEMCOMPORTAMENTO.ORG

ZERO EM COMPORTAMENTO

PROJECTOS PARALELOS

tarabya KA · Film und Medien Stiftung NRW · Die Beauftragte der Bundesregierung für Kultur und Medien · german films · FFA · eurimages · CNC · Région Ile de France · MADE IN GERMANY · GLORIA films PRODUCTION · ts productions · WDR · cercamon world sales · REPÚBLICA PORTUGUESA CULTURA, JUVENTUDE E DESPORTO · ICA INSTITUTO DO CINEMA E DO AUDIOVISUAL